

O Soldado Profissional na Aeronáutica

Ten Cel Av Adenir Siqueira Viana

Em certa Base Aérea, há alguns anos, alta madrugada, uma sentinela aproxima-se do Corpo da Guarda, aos berros, dizendo que a Base estava sendo invadida. Ainda sem tempo de reação, o pessoal de serviço avista um homem cambaleando, com a arma da sentinela na mão e, com voz de bêbado, diz que se aproximara do Portão Principal apenas para solicitar uma informação, mas como o Soldado saiu em disparada, abandonando o posto e a arma, achou melhor segui-lo para entregar o fuzil.

Cômico, mas poderia ser trágico.

Pátio de estacionamento de aeronaves, uma esquadrilha de AT-26 está dando partida para um voo de NBA (Navegação a Baixa Altura); após dar partida, o N.º 2 libera a fonte de força para o N.º 3 e, ao conduzi-la, o motorista passa logo atrás do escapamento do N.º 2 e sai se debatendo, ligeiramente chamuscado.

Também cômico, mas poderia ser trágico.

Ainda no pátio de estacionamento, Base Aérea do Galeão, um Soldado conduzindo uma fonte de força, distraído, "atropela" a asa de um C-95, danificando-a.

Não é cômico, nem poderia ser trágico, mas saiu muito caro para o MAer.

A arma da Força Aérea é, inquestionavelmente, o avião e, no futuro, quem sabe, serão os mísseis.

Os combatentes, portanto, são os pilotos, os Oficiais, em sua maioria.

Assim sendo, nas conversas informais, em artigos de revistas, em monografias, e mesmo chegando aos documentos oficiais, a grande preocupação é com assuntos voltados para o avião e seu emprego e para o Oficial, o que é absolutamente correto, mas que também sabemos, não é tudo.

O emprego do avião, em si, representa o vértice de uma pirâmide gigantesca, em cuja base, em termos de recursos humanos, estão as

praças, e dentre elas, o soldado.

E é sobre a solidez desta base, do soldado, que gostaríamos de lançar algumas luzes.

Vamos a um pouco de história.

As tribos primitivas, nos conflitos umas com as outras, empregavam seus elementos masculinos válidos, todos, porque, fundamentalmente, era a sobrevivência da própria tribo que estava em questão na maioria das vezes. A tecnologia era inexistente, e a formação do guerreiro, coisa simples.

Essas tribos vieram a se tornar Nações-Estado, e a tecnologia bélica surgiu no emprego do arco e flecha e no domínio dos metais, tornando a formação do soldado algo mais complexa.

Estas Nações-Estado evoluíram socialmente para uma elite relativamente pequena e uma legião de servos-escravos.

Exemplo acabado disto são os Estados feudais da Europa na Idade Média.

Enquanto a sociedade se estratificava, a formação do soldado se tornava cada vez mais complexa, chegando a cerca de 5 anos na Idade Média. Obviamente, com uma duração tão longa, o soldado tornou-se algo caro e difícil de se formar em massa. Acresce a isto o fato de que servos e escravos não seriam nunca bons soldados.

Os Exércitos, em consequência, passaram a ser formados por mercenários. O povo, grosso modo constituído, como já dissemos, de servos e escravos, não tinha nada a perder caso o Estado fosse conquistado, pois ocorreria apenas uma nova troca de Senhor; não havia motivação ou qualquer razão para se lutar pela preservação do Estado.

Na batalha de VALMY, em 20 de setembro de 1792, a História dá uma volta sobre si mesma, pois a participação de cidadãos-soldados conduziu o Exército francês à vitória, levando GOETHE, presente ao evento, a dizer: "Neste lugar e neste dia, começa uma nova era na história do mundo".

Realmente, a sociedade, dentro do Estado, se modificara substancialmente. A sobre-

vivência deste mesmo Estado era importante para a maioria; havia, pois, razão para a luta.

O advento da pólvora e, em consequência, da arma de fogo, simplificou tremendamente a formação do soldado, possibilitando o emprego cada vez mais maciço de homens.

Esta tendência se consolidou desde então e ainda perdura nos dias atuais.

Contudo, a História, a nosso ver, está dando mostras de estar novamente girando. Vamos avaliar alguns dados.

O soldado recruta ou voluntário, armado com fuzil, tem dado mostra de alta ineficiência. Durante a II Guerra e a Guerra da Coreia, estatísticas americanas mostram que foram necessários cerca de 10.000 disparos para se ferir um inimigo e 50.000 para cada morto. Esta média caiu, no Vietnam, para 27.000 para cada morto!

E mais, durante a II Guerra, em cada grupo de três ou quatro soldados, apenas um deles disparava sua arma sem que um Oficial o forçasse a isso.

As causas principais que explicam os dados apresentados são treinamento inadequado, tensão de combate, inexperiência e razões de ordem ético-religiosas.

No momento atual, a tecnologia tem tornado cada vez mais cara e mais complexa a formação do soldado.

Os Estados têm outras formas de mobilizar a população para o esforço de guerra, sem tomar os homens, pura e simplesmente, combatentes.

Contudo, afirmamos que o combatente, na FAB, é, em princípio, um Oficial; assim, a análise feita não se aplicaria a este caso.

Mas de nada adiantariam brilhantes interceptações, destruição precisa de alvos, se, ao regressar, o piloto encontrasse sua base em poder do inimigo ou destruída.

Assim, sem considerar as inúmeras outras tarefas executadas pelo soldado, vitais para o cumprimento da missão, basta citar a necessidade da defesa da Base Aérea para justificar nossa preocupação.

Por certo, em face da sofisticação dos meios de defesa, dos postos isolados a serem guarnecidos e da falta de Oficiais para obrigar o soldado a atirar, não vai ser com recrutas que conseguiremos garantir a integridade de nossas Bases.

Muitas são as justificativas para o sistema de recrutamento atual, como, por exemplo:

A necessidade social - este aspecto se torna irrelevante face ao reduzido número de jovens aproveitados, versus os milhões que procuram o mercado de trabalho anualmente - além disso, em Santa Maria, por exemplo, o requisito mínimo de instrução escolar é o 1.º grau completo.

O custo - os dados não são precisos, mas não sai barato fardar, alojar, treinar durante 4 meses, soldados que permanecem em serviço por apenas um ano.

E quanto custam os acidentes com viaturas; os incidentes de pista com a fonte de força e com o reboque de aeronaves? E, o principal, quanto custa a notória deficiência na segurança proporcionada por soldados inexperientes?

Os argumentos apresentados até aqui demonstram que o atual sistema tem falhas e, em sua maioria, falhas graves.

Não obstante todos nós sabermos destas falhas, com maior ou menor profundidade, não vemos uma preocupação séria da Força em dimensioná-las, tendo em vista verificar se são condizentes com o nível tecnológico atual e, principalmente, se são compatíveis com uma Força que se deseja altamente profissional e moderna.

Este artigo tem por objetivo levantar o problema. Mas poderia apresentar algumas sugestões.

Inicialmente, não somos favoráveis aos soldados profissionais, à moda dos Fuzileiros Navais, pelos outros problemas que isto acarretaria.

Poder-se-ia começar por aumentar o número de soldados de 1.ª classe, reduzindo os Não-Especializados. Com isto, considerando que o S1 pode permanecer por 4 anos, poder-se-ia, em tese, ter-se um recrutamento de novos soldados de apenas 25% ao ano. Tal sistema, numa análise superficial, poderia ser adotado sem maiores problemas, pois já está em vigor, bastando uma simples alteração de números.

Caso se pretendesse uma alteração maior, os S1 poderiam ser autorizados a permanecer por 8 anos, reduzindo, ainda mais, a necessidade de recrutamento. Seriam, sempre, voluntários e deveria haver um incentivo para sua permanência.

Um aumento no número de soldados especializados, com uma estabilização maior, poderia liberar o Sargento para tarefas de supervisão em determinadas atividades, como a burocrática, por exemplo.

O assunto está exposto. Como já dissemos, tivemos por objetivo mais levantar a questão que, propriamente, apresentar soluções. Mesmo porque não seria um artigo o veículo adequado para solucionar um assunto de tal magnitude.

Fica, esperamos, pelo menos, o alerta para que a Força desperte para o problema. ■